



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Frente aos inúmeros desafios que a vida do nosso mundo e do nosso ser “rebanho” eclesial nos proporcionam, uma das tentações mais pródigas é a da passividade! Confrontados pelas mais diversas, e tantas vezes, adversas situações, assola-nos, entre outras possibilidades, a do facilitismo cómodo, estéril e inoperante: é bem mais cómodo assistir ao “jogo”, de braços cruzados e nas bancadas, do que estar em “campo” sob a pressão de uma vitória que se quer alcançar! É bem mais fácil ver passar a procissão e comentá-la, de fora, do que vestir a opa do testemunho e sermos parte integrante dela!

São opções, opções de quem prefere ler a história, que fazer história, de quem prefere aguardar pelas “cenas dos próximos capítulos”, do que envolver-se como personagem de uma “novela” que há muito deixou de ser “mexicana” mas que é da vida real; (favor não comparar com as televisivas “novelas da vida real” que de real... cada um tirará as suas ilações).

Mais fácil que andar é deixar andar! E ninguém está para se chatear nem para gastar energias, das poucas que, porventura, ainda possam existir, em realidades medíocres que, à pala de tanta convivência, já nos acomodamos e habituamos: primeiro estranha-se, mas depois entranha-se!

Há realidades que progressivamente vão perdendo sabor, tornadas insossas como alimentação preceituada por determinado médico; outras, obscuras e tenebrosas, onde novos e imperiosos raios luminosos são, cautelosamente, travados e não bem-vindos!

Mas o Mestre não prometeu vida fácil e cómoda aos seus! Desde cedo, o Mestre preveniu os que se decidiram por Ele, que era preciso ser “sal” e “luz” deste seu e nosso mundo.

Jesus previa, e sabia, que seria demasiado pouco reduzir a expectativa de um mundo novo, a ritos e rituais, por mais perfeitos e “canónico-litúrgicos” que fossem e sejam; era, e é, imperioso ir mais longe: fazer da vida um ritual de tempero e de luminosidade por via da própria vida, pelo impregnar das realidades do sabor da Palavra e da luz do Espírito; era, e é imperioso, tornarmo-nos “saleiros” numa mesa onde se misturam sabores das mais diversas proveniências, onde se confunde o “doce” e o “amargo” e onde as “pupilas gustativas” mais depressa apreciam o “picante” que a suavidade do “mel”.

Era, e é imperioso sermos candeias que derrubam trevas e dissipam escuridões, fazendo despontar madrugadas de verdade, justiça e esperança!

O “q.b.” da culinária não se aplica às receitas da vida no que ao amor, à misericórdia e à transformação do “eu” e do mundo diz respeito! A intensidade da luz do testemunho de modo algum encandeia ou cega seja quem for, antes pelo contrário! E continua a haver quem prefira os “comprimidos” ao compromisso, paliativos em vez de prevenção! E aqui não se trata de prevenção ou de cosméticas, mas sim de transformação. A questão é de sabor e de luminosidade.

E o “escândalo” da Cruz compromete! Compromete vidas, formas de ser e de estar que não se coadunam com o Reino, e compromete com uma entrega que, por ser entrega, só pode ser total, radical, sem limites nem fronteiras.

E se fôssemos menos “insossos”? E mais luminosos?

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

V DOMINGO DO TEMPO COMUM - Ano A

1ª Leitura

Isaías 58, 7-10

«A tua luz despontará como a aurora»

2ª Leitura

1 Coríntios 2, 1-5

«Anunciei-vos o mistério de Cristo crucificado»

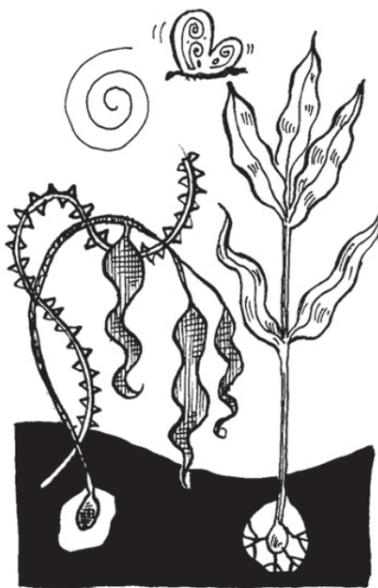
Evangelho

São Mateus 5, 13-16

«Vós sois a luz do mundo»

Neste 5º Domingo do Tempo Comum, a Palavra de Deus convidava-nos a reflectir sobre o compromisso cristão. Aqueles que foram interpelados pelo desafio do “Reino” não podem remeter-se a uma vida cómoda e instalada, nem refugiar-se numa religião ritual e feita de gestos vazios; mas têm de viver de tal forma comprometidos com a transformação do mundo que se tornem uma luz que brilha na noite do mundo e que aponta no sentido desse mundo de plenitude que Deus prometeu aos homens - o mundo do “Reino”.

No Evangelho, Jesus exorta os



seus discípulos a não se instalarem na mediocridade, no comodismo, no “deixa andar” e pedelhes que sejam o sal que dá sabor ao mundo e que testemunha a perenidade e a eternidade do projecto salvador de Deus; também os exorta a serem uma luz que aponta no sentido das realidades eternas, que vence a escuridão do sofrimento, do egoísmo, do medo

e que conduz ao encontro de um “Reino” de liberdade e de esperança.

A primeira Leitura apresenta as condições necessárias para “ser luz”: é uma “luz” que ilumina o mundo, não quem cumpre ritos religiosos estéreis e vazios, mas quem se compromete verdadeiramente com a justiça, com a paz, com a partilha, com a fraternidade. A verdadeira religião não se fundamenta numa relação “platónica” com Deus, mas num compromisso concreto que leva o homem a ser um sinal vivo do amor de Deus no meio dos seus irmãos.

A segunda Leitura avisa-nos que ser “luz” não é colocar a nossa esperança de salvação em esquemas humanos de sabedoria, mas é identificar-se com Cristo e interiorizar a “loucura da cruz” que é dom da vida. Pode-se esperar uma revelação da salvação no escândalo de um Deus que morre na cruz? Sim. É na fragilidade e na debilidade que Deus Se manifesta: o exemplo de Paulo - um homem frágil e pouco brilhante - demonstra-o.

SABIAS QUE...



... se assinala, neste ano de 2020, o centenário do nascimento de Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares? Nascida a 22 de Janeiro de 1920 em Trento, Itália, Chiara Lubich, baptizada com o nome de Silvia, tornou-se, atraída pelo exemplo de Santa Clara de Assis, Terciária Franciscana em 1943.

No ano seguinte, e no decorrer da II Grande Guerra, decidiu permanecer em Trento, apesar dos violentos bombardeamentos da região, originando-se aí, com as suas companheiras, o que viria a ser o Movimento dos Focolares. A partir daí, assistiu-se ao crescimento dos que a ela se juntaram, criando-se aquelas que ficaram

conhecidas como “Mariápolis” ou “cidades de Maria”.

A partir de 1961, e com o desejo crescente daqueles que pretendiam conhecer a espiritualidade evangélica que a caracterizava, Chiara começou a partilhar a sua vida comunitária com outras pessoas, sendo no ano seguinte, 1962, o seu movimento aprovado pelo Papa João XXIII, tendo recebido o nome de “Obra de Maria”.

Chiara Lubich fundou, assim, o Movimento dos Focolares, difundido em 182 países, cujo carisma é a espiritualidade da unidade, com o objectivo de contribuir para a actuação da oração de Jesus: “Para que todos sejam uma coisa só”. Chiara Lubich tornou-se uma figura

carismática, conhecida pela sua incansável obra em favor da comunhão, da fraternidade e da paz entre as várias Igrejas diferentes e entre os fiéis de outras confissões religiosas, uma verdadeira luz ecuménica, assumindo, a espiritualidade dos Focolares, um estilo de vida novo nos aspectos civil, económico e político, e chegando mesmo a propor aos jovens, em 1966, a vivência radical do Evangelho dando vida, também, ao Movimento Gen (Geração Nova). Exemplo para todos nós Chiara faleceu em 2008 estando em curso o seu processo de beatificação.

POR CÁ

Parabéns “Diário dos Açores”

Na passada Quarta-feira, 05 de Fevereiro, o jornal “Diário dos Açores” celebrou 150 anos de história. Fundado a 5 de Fevereiro de 1870 por Manuel Augusto Tavares de Resende, o “Diário dos Açores” é o jornal diário mais antigo do arquipélago, tendo sido feito Membro-Honorário da Ordem de Mérito a 9 de Junho de 1995.

Por este Diário “passaram centenas e centenas de nomes que marcaram a História dos Açores nos últimos 150 anos, rumo a uma luta que não acaba aqui, em defesa dos valores dos Açores, da nossa histórica Autonomia, contra as injustiças, ao lado dos mais carenciados e num escrutínio rigoroso aos poderes constituídos”, afirmou o jornalista Osvaldo Cabral, actual Director Executivo, em Nota da edição comemorativa. “Hoje os desafios são outros”, continua, “e o maior de todos é manter o “Diário dos Açores” na procura da verdade, sem ceder às modas globais do presente, onde impera muita desinformação e interesses obscuros. Se ainda há quem procure veracidade nas notícias, ela só pode ser confirmada na comunicação social de qualidade, com profissionais sérios e sob o escrutínio dos reguladores”, refere.

Em milhares de edições, a história foi e vai-se escrevendo e registando em notícias, artigos, suplementos e demais publicações com o timbre da verdade e da autenticidade, da justiça e dos valores fundamentais da vida, trazendo, a cada dia, às “bancas” a identidade deste



povo maresia, seu ser, agir e pensar, e os desafios a que, continuamente, é chamado a vencer.

Embora marcado pela competição desenfreada das novas vias de comunicação, mormente as redes sociais, o “Diário dos Açores” tem sabido, e sabiamente, impor-se através de um jornalismo sério, honesto, credível e fidedigno, sem a preocupação de sensacionalismos estereis: um jornalismo ético e humano marca a diferença!

Este nosso suplemento “Afetos” partilha, há já 3 anos, da história deste antigo e sempre actual “Diário dos Açores”.

Em “Afetos” partilhamos a alegria de fazermos parte desta bonita história e a gratidão pela confiança que, semanalmente, nos é depositada.

Por 150 anos é caso para dizermos parabéns “Diário dos Açores” e, “al multos annos”!

POR LÁ

Papa reforça dimensão «sagrada» de cada pessoa

Na mensagem para o Dia Mundial do Doente 2020, que se celebra na próxima Terça-feira, dia 11 de Fevereiro, o Papa Francisco reforça oposição a projectos de legalização da eutanásia e sublinha a dimensão «sagrada» de cada pessoa e aponta «objecção de consciência» como recurso na defesa da vida.

Dirigindo-se aos profissionais de saúde, Francisco pede que a sua acção vise “constantemente a dignidade e a vida da pessoa, sem qualquer cedência a actos de natureza eutanásica, de suicídio assistido ou supressão da vida, nem sequer se for irreversível o estado da doença”.

No texto que escreveu, o Papa refere que, em certos casos, a objecção de

consciência pode ser uma “opção necessária” para os católicos que trabalham neste campo: “A vida há-de ser acolhida, tutelada, respeitada e servida desde o seu início até à morte: exigem-no simultaneamente tanto a razão como a fé em Deus, autor da vida. Em certos casos, a objecção de consciência deverá tornar-se a vossa opção necessária, para permanecerdes coerentes com este ‘sim’ à vida e à pessoa”, sustenta o pontífice.

No XXVIII Dia Mundial do Doente, que a Igreja Católica celebra anualmente na festa litúrgica de Nossa Senhora de Lurdes, Francisco quer recordar as pessoas que, em todo o mundo, estão “sem possibilidade de acesso aos cuidados médicos, porque vivem na pobreza”.



ENTRE NÓS...



Haverá muitas pessoas que poderão falar melhor sobre o que é o Movimento dos Focolares, a Obra de Maria, como ficou oficialmente inscrita na Igreja Católica, na década de 40, e mesmo sobre Chiara Lubich, sua fundadora (confesso que há muitos anos que não tenho um envolvimento directo com o Movimento). Todavia, sinto que os Focolares e Chiara, a vivência da Unidade, a entrega a Jesus Abandonado, são, junto com a minha família, os mais fortes pilares na construção da minha fé e da minha vida. Daí arriscar deixar o meu testemunho.

Conheci os Focolares cedo. O meu tio Mário Cordeiro, que em tempos foi seminarista, é, até aos dias de hoje, focolarino casado (o primeiro focolarino ca-

sado português), e sempre que estamos juntos deixa-me o seu sorriso sereno, as suas histórias bem-dispostas, a sua paciência amorosa e o seu testemunho de fé. Lembro muitas vezes as suas palavras, há uns anos, quando andava mais ansiosa e angustiada com “coisas da vida”: «Quem tem fé em Deus não se preocupa, ocupa-se.» E se nos ocuparmos ao serviço do próximo, tanto melhor, mais saudável.

Integrei grupos de jovens do Movimento, na altura os Gen3 ou Gen2, e, com eles, fui descobrindo que temos todos tantos (pequenos) dons para partilhar! Nesse sentido, reconheço-lhes um contributo importante na minha formação. Aprendi, com eles, a valorizar as pequenas acções, o momento presente,

e experimentei ser possível fazer como Jesus: estar ao serviço do outro, amar primeiro, fazer-se um e experimentar empatia até com aqueles que nos são mais estranhos. A oração nos Focolares tinha um papel importante, mas era a acção que se destacava.

Sempre me fez muita impressão os discursos maniqueístas de ou estão comigo ou contra mim, especialmente quando se falava de religião. Foi, por isso, com uma alegria imensa que pude participar num encontro de oração ecuménico pela Paz e pela Unidade, organizado por focolarinas, em Ponta Delgada, e que juntou padres, pastores evangélicos e até agnósticos.

Abraçar todos e viver em Unidade com quem faz escolhas diferentes é a grande graça dos Focolares para a minha vida. Chiara Lubich viu Luz num tempo de trevas e sonhou um mundo melhor. A abertura que criou nos Focolares a todas as outras religiões do mundo (e que encontrou no seio da Igreja Católica), o abraço que acolhe todos os “marginais” que povoam a Terra é Amor personificado. Se, hoje, creio na Unidade dos povos e na fraternidade universal mais do que temo a sua cisão é, em grande parte, graças ao que vi e vivi nos Focolares, graças a Chiara.

Sara Massa

Pensa Nisso...

«... Quando estiverem a orar, se tiverem razão de queixa contra alguém perdoem-lhe, para que o vosso Pai do Céu vos perdoe também os vossos pecados.»

MARCOS 11:25

